

## DESOBEDIÊNCIAS ESTÉTICAS E RECONFIGURAÇÕES DOS MODOS DE VIDA: NOTAS DO UIVO POÉTICO DE ALLEN GINSBERG

Pedro Lucas Nascimento Carneiro (PICIN/UNEB)<sup>1</sup>

Manoel Barreto Júnior<sup>2</sup>

*Resumo:* O presente texto se articula em discutir alguns apontamentos da lírica de Allen Ginsberg, ao que concerne ao fazer poético, que se desenvolve pelo uso de desobediências estéticas, que, por si, revelam às reconfigurações de modos de vida e subjetividades expressas-como tradução do processo de humanização. Para tanto, esse projeto, que ainda se encontra em desenvolvimento, estrutura-se a partir da metodologia de pesquisa bibliográfico-documental, através de análises contextuais de poemas esparsos de Ginsberg; à luz dos pressupostos teóricos de Veroneze (2014), Lukács (2003), Grant (2014), entre outros.

*Palavras-Chave:* Desobediências estéticas. Poética visceral. Reconfigurações dos modos de vida.

### “WHAT’S YOUR ROAD, MAN? — HOLYBOY ROAD, MADMAN ROAD, RAINBOW ROAD...”<sup>3</sup>

A proposição desse texto orbita em examinar, a partir da escrita poética do poeta estadunidense e expoente da *Beat*

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas da UNEB. Pesquisador bolsista PICIN (021/22) do Programa Institucional de Iniciação Científica da UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa Línguas e Literaturas Estrangeiras (GPILLE).

<sup>2</sup> Doutor em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Adjunto do curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas do Departamento de Linguística, Literatura e Artes (DLLARTES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus II*.

<sup>3</sup> Uma pergunta feita por Neal Cassady a Jack Kerouac em *On the Road* (1957): “Qual a sua estrada, cara? — A estrada dos místicos, dos loucos, da diversidade...” (Tradução nossa, 2022).

*Generation*<sup>4</sup> Irwin Allen Ginsberg (1926-1997), como as suas poesias se apropriam de desobediências estéticas e subjetividades, de modo a traduzir, em seus versos, as reconfigurações dos modos de vida como promoção do lento e contínuo processo de humanização. Para tanto, este subprojeto financiado através da bolsa PICIN do programa institucional de iniciação científica da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e que ainda se encontra em desenvolvimento, estrutura-se através da metodologia de pesquisa e análise bibliográfico-documental, pelo viés qualitativo, em articulação com os aparatos da literatura comparada.

Neste sentido, para melhor adentrarmos nas questões que dialogam com o nosso propósito metodológico, e tomando como base as discussões referentes a relação entre literatura/poesia e história, acolhemos as ideias propostas por Nitrini (2010) e Moisés (2014) — compartilhando da lógica de ampliação da tessitura poética, de modo a promover articulações com outras áreas do saber

Desse modo, estão sendo realizadas as leituras e análise contextuais dos poemas de Allen Ginsberg catalogados pelos critérios temáticos que dialogam com o nosso propósito de pesquisa, como também de textos teóricos, obras e artigos recolhidos durante o processo de construção do *corpus* de pesquisa que tratem das questões referentes à resistência poética na contemporaneidade, e o papel humanizador da arte frente uma sociedade globalizada. Assim sendo, visando intensificar as nossas discussões ante as reconfigurações dos modos de vida e padrões comportamentais, acolhemos, como marco teórico-metodológico,

---

<sup>4</sup> A Geração Beat foi um movimento contracultural que emergiu nos Estados Unidos da América no curso dos anos 50. Teve como precursor alguns escritores tais quais Allen Ginsberg (1926-1997) com a sua primeira coleção poética *Howl* (1956); Jack Kerouac (1922-1969) com sua obra *On the Road* (1957); e William Burroughs (1914-1997) com seu romance *Naked Lunch* (1959).

os postulados de Lukács (2003), Veroneze (2014), Grant (2014), entre outros.

Por essa lente, o objetivo geral dessa investigação se debruça em responder a seguinte questão de pesquisa: De que forma a dicção poética de Allen Ginsberg se apropria, liricamente, de desobediências estéticas, de modo a traduzir, através da potencialidade estética da sua poesia, as reconfigurações dos modos de vida e subjetividades como tradução do nosso lento e contínuo processo de humanização?

### **“I SAW THE BEST MINDS OF MY GENERATION DESTROYED BY MADNESS, STARVING...”<sup>5</sup>**

No curso do século XX, os Estados Unidos da América haviam recebido a alcunha de maior potência do mundo. O motivo para tal título consistia na superação da crise de 1929, como também o grande êxito obtido na Segunda Guerra Mundial. Durante esse período, o país vivenciava um intenso processo de desenvolvimento econômico e industrial, e, como bem afiança Lepore (2018, p. 583), além as políticas criadas por Roosevelt, as fábricas que tinham como foco as atividades ligadas à produção bélica, foram convertidas, e passaram a ter, como principal parâmetro, a fabricação de bens de consumo tais quais os aparelhos de comunicação, eletrônicos e eletrodomésticos.

Com ascensão dos impérios globalizados e o crescente desenvolvimento industrial vistos como planos de fundo, no curso desse período, originou-se, no país, um novo *way of life* considerado um padrão a ser seguido por todos os cidadãos. Esse estilo compartilhava de algumas filosofias que estavam

---

<sup>5</sup> Verso inicial do poema *Howl* (1956) de Allen Ginsberg: “Eu vi as melhores cabeças da minha geração destruída pela loucura, famintos...” (tradução nossa, 2022).

estruturadas aos preceitos do *American Way of Life* e suas nuances inorgânicas pautadas na lógica da reificação, fenômeno que, como pondera Lukács, “se baseia no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa e, dessa maneira, o de uma “objetividade fantasmagórica” (LUKÁCS, 2003, p. 195).

Assim sendo, esse novo modelo de sociedade obnubilada, movimentada pelo objetivismo dominante e suas contradições, visava demonstrar ao sujeito estadunidense que alguns aspectos tais quais o individualismo exacerbado, o materialismo e a produtividade em massa, são alguns elementos essenciais para promover a realização pessoal, e, sobretudo, garantir a felicidade através dos júbilos advindos da prosperidade econômica. A essa questão, com os sistemas de governo que regiam o país completamente vinculados as nuances do capitalismo, a vida social, como ilustra Veroneze, “passa a ser regida pela lógica do capital e as relações e inter-relações sociais se apresentam totalmente coisificadas e reificadas” (VERONEZE, 2014, p. 34), impactado profundamente o sujeito e suas atitudes ante a uma sociedade multifacetada.

Sob tais perspectivas, as produções audiovisuais, visando promover a expansão de algumas atitudes capitalistas, como também alguns comportamentos da cultura dominante, passou a divulgar com frequência, em suas difusões, a imagem do *way of life* movido pela consciência reificada; de modo a demonstrar aos seus consumidores que este é modo de vida ideal a ser aspirado por todos os seus cidadãos. Tal aspecto possibilitou, no imaginário popular dos sujeitos históricos norte-americanos, o surgimento de um novo mito, uma crença utópica forjada por uma alegoria de sociedade perfeita e democrática, onde todos os seus cidadãos, sem exceção, poderiam alcançar este novo patamar de vida, sendo bem acolhido pelas políticas locais.

Entretanto, a verdadeira situação comunitária do país era completamente paradoxal as imagens de impecabilidade difundidas no meio social, uma vez que, como bem afirma Grant (2014, p. 388), o pânico vermelho, um fenômeno instaurado nos Estados Unidos da América desde o fim do século XIX, no curso dos anos 50, teve uma completa ampliação, passando a ser seguido por diversas questões envolvendo repressão e opressão contra diversos grupos sociais que usufruíam de desobediências estéticas como uma forma de buscar, através das subjetividades, novas maneiras de compreender o mundo através das reconfigurações dos padrões comportamentais e modos de vida.

É por esta razão que Allen Ginsberg, inserido por completo nesse contexto social desolador e desumano, e completamente descontente com o *way of life* e comportamentos adotados pelos seus cidadãos, passa a dominar o cenário literário e cultural norte-americano, rebelando-se, através de uma poética visceral e esteticamente desobediente, em consonância com a mensagem *beat*, contra “o materialismo e o militarismo que eles consideravam destrutivos do credo americano tal como eles o percebiam” (GRANT, 2014, p. 397); traduzindo, através da força da palavra poética, o processo de humanização. Aspecto que examinaremos com mais precisão no curso da próxima seção.

### **“HOLY THE HIDEOUS HUMAN ANGELS”<sup>6</sup>**

Segundo o poeta William Carlos Williams, em seu célebre prefácio de apresentação para a primeira e mais aclamada coleção poética de Allen Ginsberg, *Howl* (1965), “*Poets are damned but*

---

<sup>6</sup> Verso do poema *Footnote to Howl*/ Nota de rodapé para Uivo. “Sagrado os medonhos anjos humanos” (tradução nossa, 2022).

*they are not blind, they see with the eyes of the angels*” (WILLIAMS, 1965, p. 8). Ginsberg, tal como Baudelaire, Blake, Rimbaud e outros, está elencado no grupo dos poetas considerados malditos por levar um estilo de vida contrário frente à sua sociedade. Nas palavras de Costa, “Poeta inovador, homossexual boêmio viciado em drogas, Ginsberg era completamente maldito, como seus companheiros da geração beat” (COSTA, 1984, p. 114).

Assim como em *Les fleurs du mal* (1857) Baudelaire adota algumas facetas tais quais a de trapeiro, *flâneur* e *apache*<sup>8</sup>, com Ginsberg não foi muito diferente. Se tomarmos como base a obra *The fall of America* (1973), vencedora do *National Book Award* em 1974, veremos que o mesmo adota algumas posturas, como por exemplo a de andarilho, ou melhor, viajante de mochila, se propondo a descrever o que seus olhos enxergam ante a um país movido pelos preceitos da reificação. Em outros poemas, em especial aqueles que integram a coleção *Cosmopolitan Greeting Poems* (1994), notemos que há uma intensificação do teor político, e as críticas e descontentamentos para com os valores, atitudes e comportamentos vigentes na esfera social se tornam evidentes. Deste modo, destacamos que a escrita poética de Ginsberg é marcada por algumas questões que, de algum modo, merecem ser discutidas.

A primeira, vista como uma das mais importantes pois marca presença em grande parte das suas obras, diz a respeito da estética desobediente e visceral no qual está estruturada as suas poesias. Assim como T.S. Eliot e os adeptos do *New Criticism*, que compartilhavam a lógica da impessoalidade poética, pelo qual a poesia seria a fuga da emoção e do sentimentalismo, mantendo também as suas atitudes reacionárias frente aos traços biográficos

---

<sup>7</sup> “Os poetas são malditos, mas não cegos, eles enxergam com seus olhos angelicais” (tradução nossa, 2022).

<sup>8</sup> Essa discussão será intensificada por Walter Benjamin em sua obra *Baudelaire e a Modernidade* (2020).

e históricos, Ginsberg se opunha completamente dessas questões. Em suas obras, notemos que seus poemas seguem um fluxo livre, muitas vezes sem pontuações entre as sentenças dos versos, sendo característico também a presença de termos que estão inseridos em uma condição vocabular demasiadamente coloquial. Além disso, a escrita em primeira pessoa, e a intensificação da emoção e do sentimentalismo vigoram com ímpeto entre seus versos — tal como no aclamado poema *Kaddish* (1961).

A segunda, está intrinsicamente ligada a presença de personagens marginalizados em seus escritos poéticos, como bêbados, drogados e mendigos. Tal questão reside pelo simples fato de que, como bem acentua Bastos, “na literatura moderna os personagens e seu trabalho são do mundo do trabalho abstrato. Lemos a obra, e, inscritas nela, as marcas da sua produção” (BASTOS, 2008, p. 3). Há também, em seus poderosos versos, a presença de críticas aos comportamentos e atitudes envolvendo crueldade, violência e repressão do governo da época, como também constantes intensificações das subjetividades — em especial por intermédio das representações e saudações aos modos de vida completamente livres, distintos e humanizados.

É partindo desse ponto que iremos se ater nas próximas discussões, uma vez que, por intermédio dessas questões, a poética de Allen Ginsberg, através da sua estética desobediente, promove as reconfigurações dos modos de vida e padrões comportamentais como um antídoto para o lento e contínuo processo de humanização. Um aspecto que salta a vista quando levamos em consideração o poema intitulado *A Vow* (2006, p. 468), que integra a coleção *The fall of America: Poems of these states, 1965-1971* (1973):

A Vow

I will haunt these States

with beard bald head  
eyes staring out plane window  
hair hanging out in Greyhound bus Midnight  
leaning over taxicab seat to admonish  
an angry cursing driver  
hand lifted to calm  
his outraged vehicle  
that I pass with the Green Light of common law  
(GINSBERG, 2007, p. 468).

O eu lírico introduz o seu poema de maneira cética, de modo que as suas insatisfações com o estilo de vida alienador e desumano adotado pela sua sociedade, vítima dos preceitos e ideologias nocivas do capitalismo responsáveis por ofuscar a compreensão das “condições históricas e materiais que vivemos pois se recusam a reconhecer que essas condições possuem alguma influência na forma como entendemos o mundo” (TYSON, 2014, p. 54), marcam presença por todo corpo textual do poema. Assim sendo, ele afirma que devido estas razões, há de assombrar os estados da sua nação, careca, com barba, cabelos bagunçados e olhos para fora das janelas do avião e dos ônibus. Logo nos primeiros versos, se faz presente alguns traços que dialogam com as desobediências estéticas, a começar pela curta descrição do visual do eu lírico, de barba e cabelos longos completamente embaraçados, como podemos ver através dessas expressões: “*bald head/ hair hangig out*”; um estilo que “aos olhos das famílias de classe média, tão ciosas de seu projeto de ascensão social, parecia no mínimo um despropósito [...]” mas que, por outro lado significava “novas maneiras de pensar, modos diferentes de encarar e de se relacionar com o mundo e com as pessoas” (PEREIRA, 1992, p. 5).

Em seguida, a voz lírica, debruçado sobre o banco do táxi, adverte o motorista devido alguns xingamentos direcionados; e, com a mão levantada — requisitando a paz/paciência — afirma que passa por seu veículo indignado com o sinal verde do respeito



comum. A presença dos xingamentos, nesses versos, pode ser apontada como um reflexo do processo de reificação, responsável por fazer com que as pessoas se tornem desrespeitosas com si, com o próximo e com seus direitos. A essa questão, Veroneze afirma que em meio ao consumo e a produtividade em massa, o fenômeno da alienação, frente aos preceitos capitalistas, se torna, na contemporaneidade, um sintoma considerado “ainda mais avassalador, como também violento. Em grande medida, induz e provoca condições para que homens e mulheres assumam características inferiores à sua própria condição humano-genérica [...]” (VERONEZE, 2014, p. 39), fazendo com que o sujeito perca cada vez mais o seu valor como humano ao se tornar cada vez mais vítima da reificação e do objetivismo dominante.

Common sense, common law, common tenderness  
and common tranquility  
our means in America to control the money munching  
war machine, bright lit industry  
everywhere, digesting forests & excreting soft pyramids  
of newsprint, Redwood, and Ponderosa patriarchs  
silent in Meditation murdered & regurgitated as smoke  
sawdust, screaming ceilings of Soap Opera,  
thick dead Lives, slick Advertisements  
for Gubernatorial big guns  
burping Napalm on palm rice tropic greenery

Dynamite in forests,  
boughs fly slow motion  
thunder down ravine,  
Helicopters roar over National Park, Mekong swamp,  
Dynamite fire blasts thru Model Villages,  
(GINSBERG, 2007, p. 468).

Em seguida, a *persona* poética afirma que o senso, a ternura e a tranquilidade comum, são os dispositivos encontrados no seu país para controlar a máquina da guerra devoradora de dinheiro. A essa questão, notemos que o eu lírico, ao fazer jus a expressão “to

*control the Money munching war machine*<sup>9</sup>, direciona uma pequena crítica ao capitalismo e a sua competitividade, fenômeno responsável por traduzir o processo de alienação e desantropomorfização, uma vez que “à competitividade, à imediatividade, à lucratividade na e da vida social, são características constitutivas do individualismo exacerbado e violento, ou seja, da reificação da vida humana” (VEROZENE, 2014, p. 37). Ainda sob esta mesma perspectiva, Marx (2015, p. 81) afirma que ao se tornar refém das máquinas e do capital, o trabalhador se torna cada vez mais objetivado, mais pobre, mais vazio e distante de si.

Adiante, notemos que o eu lírico descreve os impactos gerados por esse estilo de vida alienador e desumano adotado pelos sujeitos do seu país, presos nas concepções de produtividade e consumo em massa, sob o meio ambiente (realizando, por assim dizer, uma espécie de eco crítica), tendo em vista que, como bem afiança Veroneze (2014, p. 39), a alienação, desde a ascensão do modo de vida capitalista, se apresenta tanto no campo social quanto no campo individual. Assim sendo, afirma que as indústrias, máquinas poderosas da destruição, devoram as florestas, sequoias e pinheiros, regurgitando-as em forma de fumaça. Que os governadores mandachuvam, membros arrotam o napalm, sobre as florestas tropicais. E que as dinamites e o fogo assolam as matas e parques nacionais. Sob esta perspectiva, Montangu afirma que, com a ascensão das industriais mercantilistas e automobilísticas, como também a ampliação dos modos de vida capitalistas com suas nuances pautadas no materialismo, o sujeito norte-americano “destruiu e dilacerou de forma irreversível vastas áreas de beleza

---

<sup>9</sup> “Para controlar a máquina da guerra sedenta por dinheiro” (Tradução nossa, 2022).

natural, substituindo os prados, as árvores e a relvas por autoestradas e estradas [...]”<sup>10</sup> (MONTAGU, 1964, p. 320).

Violence screams at Police, Mayors get mad over radio,  
Drop the Bomb on Niggers!  
drop Fire on the gook China  
Frankenstein Dragon  
waving its tail over Bayonne’s domed Aluminium oil  
reservoir!

I’ll haunt these states all year  
Gazing bleakly out train Windows, blue airfield  
red TV network on evening plains,  
decoding radar Provincial editorial paper message,  
deciphering Iron Pipe laborer’s curses as  
clanging hammers they raise steamshovel claws  
over Puerto Rican agony lawyers screams in slums  
(GINSBERG, 2007, p. 468).

Posteriormente, vemos que o eu lírico apresenta algumas imagens concernentes à violência. Deste modo, afirma que a violência grita para a polícia; e que no rádio, o prefeito se irrita, proferindo palavras de cunho agressivo, como “tacar bomba nos negros” e fogo nos “chinas”. Aqui retornamos ao argumento proposto por Veroneze e Grant, a respeito da ampliação do pânico vermelho, e também em relação ao papel das mídias como vilã, pois estas, de algum modo, incitam discursos cruéis sobre certos grupos minorizados, aspecto visto como um reflexo do processo de coisificação sobre o sujeito, levando em consideração que tais manifestações possuem, como principal parâmetro, “substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que

---

<sup>10</sup> No original: “In America it has already irreversibly destroyed and lacerated vast áreas of natural beauty replacing the meadowlands, the trees, and the grasses with highways and roads and freeways and interchanges and bridges, with tollgates, service stations...” (Tradução nossa, 2022).

eram mais transparentes as relações humanas” (LUKÁCS, 2003, p. 154).

Por fim, o eu lírico finaliza sua tessitura alegando que vagará pelos estados do seu país todos os anos com olhares melancólicos pela janela do trem, cético e descrente de progresso, a se deparar sempre com a mesma situação e sujeitos alienados pela reificação e presos em sua própria cegueira desumana. Assim, notemos que as críticas realizadas por Ginsberg nesse poema, visam chamar a atenção do leitor acerca dos modos de vida cruéis e desumanos que estão sendo lhes oferecidos, e como os mesmos possibilitam gerar comportamentos que, por sua vez, se dissociam por completo da sua sensível condição humana. Dessa maneira, a mensagem obtida com a leitura desse poema, é similar ao argumento proposto por Veroneze (2014, p. 38) sobre a extrema necessidade de buscar um novo *way of life* completamente distinto dos que existem, pois “Se estamos insatisfeitos com a forma de vida dada, todos os que a querem transformar devem se juntar para a construção de uma nova sociabilidade, mais justa e igualitária, tanto pelo pensamento, quanto pela ação”.

## **EM TONS DE CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

Mediante aos aspectos aqui por ora discutidos, deduzimos, que a poética de Allen Ginsberg se apropria de desobediências estéticas de modo a traduzir, através da potencialidade da sua lírica, intensas aproximações intersubjetivas que ampliam e, sobretudo, ressignificam as potencialidades do processo de humanização.

Aspecto expressamente evidente que se revela a partir do momento em que o poeta oferece, aos seus leitores, novas/outras possibilidades de compreender o mundo e a vida através das subjetividades e práticas contraculturais, promovendo, por assim

dizer, a liberdade de expressão e a resistência cultural através da força catalisadora da palavra poética.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Hermenegildo. Literatura como trabalho e apropriação — um esboço de hermenêutica. *Remate de males*, v. 28, n. 2, p. 157-172, 2008.
- GINSBERG, Allen. *Collected Poems 1947-1997*. New York: Editora Haper Collins, 2007.
- GRANT, Susan Mary. *História concisa dos Estados Unidos da América*. São Paulo: EDIPRO, 2014.
- KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- LEPORE, Jill. *Estas verdades: a história da formação dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2020.
- LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classes: Um estudo sobre a dialética Marxista*. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editoria, 2015.
- MOISÉS, Massaud. Fundamentos e extensão da análise literária: sua relação com a crítica e a historiografia literária. In: *A análise literária*. São Paulo: Editora Cultrix, 2014.
- MONTANGU, Ashley. *The American Way of Life*. United States of America: Putman Editor, 1967,
- NITRINI, Sandra. *Teoria Literária e Literatura Comparada*. São Paulo: Editora EdUSP, 2010
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é Contracultura*. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- TYSON, Lois. *Critical theory today: A user-friendly guide*. Routledge, 2014.
- VEROEZE, Renato Tadeu. A realidade coisificada e reificada: em tempos de manifestações sociais. *Emancipação*, v. 14, n. 1, p. 33-46, 2014. Disponível em: A realidade coisificada e reificada: em tempos de manifestações sociais (The reality reified and reified in times of social manifestations) Doi: 10.5212/Emancipacao.v.14i1.0002 | Emancipação (uepg.br). Acesso em: 23 jul. 2022.
- COSTA, Mirian Paglia. *Ira Sagrada*. São Paulo: *Revista Veja*, 1984. Disponível em: Allen Ginsberg | Claudio Willer (wordpress.com). Acesso em: 23 jul. 2022.

